

Apresentação

Esse diálogo entre Jean Oury, diretor da clínica de La Borde desde 1953, e Danielle Sivadon, psicanalista que trabalhou ali nos anos 1970, foi transcrito de um CD de áudio onde estão gravados os encontros entre ambos, ocorridos na clínica de La Borde, entre 2003 e 2004. As gravações, a edição e a mixagem foram realizadas por mim e Jean Dubuquoit, depois de termos registrado vários seminários de Oury no Hospital Sainte-Anne, em Paris, ao longo dos anos 1990. Sabendo das antigas relações de afeição entre Oury e Danielle (que na época dirigia a revista Chimères, de cujo comitê de redação também eu fazia parte), tivemos a ideia de propor-lhes uma série de conversas em torno de temáticas locais que lhes fossem caras. Nada dirigido, antes uma improvisação, uma espécie de “devaneio” descontínuo entre esses dois amigos da loucura que compartilharam um momento da história laboriana.

No início, propusemos uma gravação externa (era inverno, a neve estalava sob os pés): uma caminhada no parque de La Borde, a circulação de um lugar para outro da clínica a fim de captar as falas ao vivo (“diante do tema”, diria um pintor). Essa travessia por diferentes territórios de La Borde permitiria cruzar os rastros de superfície e os estratos soterrados, o “historial” e o cotidiano, os lugares de passagem e as “linhas de errância”, com o intuito de dar a ouvir um certo “tonal” da instituição. Mas as coisas tomaram outro rumo, distante dessa topologia ideal.

As gravações seguintes foram internas, no consultório de Jean Oury em La Borde. Nesse espaço muito particular, banhado continuamente em uma penumbra reconfortante (que protege da luz, por vezes crua demais, da região do Loire), o tempo é ritmado pela acolhida cotidiana da psicose (ouve-se apenas, do outro lado da vidraça, o passo dos eternos agrimensores e o canto dos pássaros). Seria fetichista demais insistir no odor sedimentado (feito de madeira velha, tabaco, livros e objetos heteróclitos) desse espaço um pouco barroco, que tem mais a ver com um “padrão” subjetivo do que com o “escritório da diretoria”. O tempo ali parece uma matéria física quase palpável, cuja trama sensível é formada pelas vozes, falas, pensamentos, palavras e seu silêncio.

Os encontros ocorreram aos domingos de manhã, nas horas reservadas por Oury aos visitantes. Dessas horas de conversa acumulada, selecionamos de início alguns fragmentos heterogêneos, reunidos em um mini-CD de uns vinte minutos intitulado: Para que um esquizofrênico possa aí se reconhecer. Depois compusemos Constelações. Esses dois CDs produzidos por nós são distribuídos gratuitamente a quem se interessar. Pode-se também consultar o site onde o documento sonoro original é acessível em: www.balat.fr

Olivier Appril

Constelações

Jean Oury e Danielle Sivadon: Conversações em La Borde (2004)

Danielle Sivadon (S): Você parte de um tipo de paradoxo que não é exatamente um paradoxo: “para que haja limites, é necessário o aberto e não o fechado”. Foi a partir daí que você falou da peça de Beckett, *Quad*, que você viu no *Jeu de Paume*, como exemplo desse dispositivo. Você tinha encadeado com os grupos, os “*groupices*”, as constelações, os anjos da guarda, os *packings*...

Jean Oury (O): Podemos retomar este paradoxo mais detidamente. Entretanto, é obvio que não é um paradoxo. Para que possamos nos reconhecer, para que possamos ter uma delimitação... bom, é meio grandiloquente... Não se pode opor o fechado ao aberto. Não é uma oposição, são dois mundos diferentes. Somos um pouco traídos pelas palavras. Acreditamos que “fechado” é o contrário de “aberto”. Isso não faz sentido. Eu falava “limite” e colocava “delimitação”, é uma fantasia meio sutil, dizendo para mim mesmo que o “de” é um prefixo de negação... Delimitação quer dizer que, para que possamos ser delimitados, para que possamos nos reconhecer, é necessária quase uma lógica negativa face ao que serão os *entornos*, o que só pode ser possível se somos delimitados. É preciso delimitar algo que não existe – isso é Beckett. A delimitação é justamente poder se definir por meio de um questionamento negativo do que ainda não existe. É somente depois de se definir que se tem uma superfície bem delimitada, com um entorno, um exterior e um interior, sabendo que essa é uma história lógica antiga. O problema da esquizofrenia é uma falha de delimitação, que chamei de uma “função forclusiva”. Na esquizofrenia ela é inexistente, não funciona. “Forclusivo” quer dizer “poder se delimitar em relação ao meio”. Somente a partir desse momento se pode dizer existencialmente que o aberto existe. “O aberto” não é o contrário do “fechado”.

É um pouco parecido quando falamos de “liberdade de circulação”, que as pessoas traduzem então como “caminhar”. Não é verdade, as pessoas caminham o tempo todo, mas isso não serve para nada. Liberdade de circulação para quê? Andar sim, mas interiormente... “O homenzinho que anda na minha cabeça”, é Prévert quem diz isso. Uma liberdade de circulação interna que permite que naquele momento [a frase é interrompida]... É o mesmo paradoxo dizer que os catatônicos são imóveis. Não é verdade. Não há nada de mais agitado interiormente do que um catatônico. É uma besteira isso. Uma visão que passa longe... Não chega nem a ser um paradoxo, é uma evidência. Por exemplo, penso sempre em uma reflexão

de Maldiney, em *Regard, parole, espace*, eu acho, no fim da *Critique de l'immédiateté chez Hegel*, em que ele fala de Hölderlin, que era, apesar de tudo, esquizofrênico. Ele escreveu mais ou menos em 1800. Hölderlin descreve algo e depois... *Offene*, o Aberto. Pronto, estava aí. Os esquizofrênicos estão aí. Vão muito mais longe que nós mesmos em direção a esse limite que não podem atravessar. Nós nem pensamos nesse limite, porque o atravessamos o tempo todo.

S: Penso em Tosquelles, que definia o clube como o lugar onde os nômades podem se encontrar. “É necessária uma liberdade de passeio”... Com seu sotaque [catalão], ele dizia que o papel do clube era precisamente esse, o de poder escapar da neurose de caráter dos chefes de pavilhões e ir ao clube para falar, para contar histórias...

O: ... e de contar sua viagem...

S: Um tipo de visão como a de Saint-Alban em um grande deserto.

O: O clube pode ser definido desse modo como um lugar onde nos contamos, mesmo sem dizer nada. Contam-se suas próprias viagens, tanto seus itinerários geográficos como suas viagens interiores. É um lugar de encontro e de reunião. Essa palavra “reunião” [*rassemblement*] talvez seja interessante. Para que haja reunião é preciso o aberto. Caso contrário não é verdade, é simplesmente um aglomerado. Em um pavilhão de agitados, fechado, não há história. É preciso que haja um clube. O trágico é que o clube é transformado em pavilhão fechado, com normas, com chefe, com cantina, o que não serve para nada. Nesse ponto se torna interessante o que diz Tosquelles sobre lutar contra a organização. Transformar a sala comum em aberto. Aí percebemos que é preciso ter – eu não gosto da palavra estrutura, mas é algo assim – lugares de recentramento, de estratégias internas, policentradas, policêntricas...

S: Imóveis.

O: Imóveis. Policêntricas... um dos centros pode muito bem desaparecer e é substituído na hora por... Polifônico, como diz Tosquelles. Polifônico, policentrado, multi-referência... Podemos até *lacanizar*, neste caso, falando de “phantasma”. “Phan”, a luz... o ser de luz. Um “phan-ser”, um “phan-être”, *fenêtre* (janela) é o ser de luz. O fantasma participa, há uma janela em direção a alguma coisa. Muitas vezes desenhamos uma janela que não está aberta, mas pode-se ver através dela. Frequentemente vemos, como os surrealistas, uma paisagem na janela desenhada de antemão. Mas em todo caso ela está lá. E é além que se encontra o real, é lá que ele está. O fantasma é uma janela que desemboca no real. Pode-se dizer que ela é a própria imagem, complexa, do aberto. Ou seja, para que possa haver o aberto é preciso ter um fantasma constituído. É o que diz Pankow. *Enxerto de transferência* para que lentamente apareçam pedaços de fantasmas; não para criar raízes, mas para tocar a terra. Nesse momento, os pés..., a importância dos pés, de “tomar pé”, como dizemos. O fantasma é o poder tomar pé num espaço delimitado que prova que o aberto existe, pela janela fechada, o que é o cúmulo. Mas se a janela é fraturada, paradoxalmente suprime-se o aberto e a delimitação. É a psicose.

S: O que talvez explique também porque os psicóticos não gostam muito que limpemos suas janelas.

O: Ah, sim. É verdade. Mas claro que é também uma justificativa para que as pessoas não façam faxina! Vê-se isso claramente no filme *La moindre des choses*¹, uma janela completamente imunda. “Não é para mexer nela porque senão ele vai ver o vazio e pular pela janela”, dizem. É verdade. Claro, não podemos generalizar. Felizmente existem limpadores de vidro, mas isso é verdade. Isso nos remete à janela, ao fantasma. Aliás, gostamos de desenhar com os dedos. Desenhamos todo o tempo, é o aberto, é toda essa ideia que está em jogo. Com o Félix [Guattari] dizíamos isso: “Para poder estar aqui é preciso poder estar em outro lugar”. Se não podemos estar em outro lugar, não estamos aqui. Mas nem por isso é preciso estar o tempo todo em outro lugar, é o que dizia a Félix. Ele não estava aqui o bastante, ele estava o tempo todo em outra parte. Há uma dialética nisso, não existe um sem o outro.

S: Você falava dos pés. Lembro-me de que para Tosquelles eles eram muito importantes. Ele sempre nos repreendia, dizendo: “Vocês pensam com a cabeça quando é preciso pensar com os pés”. Os andarilhos do mundo são os pés. Isso se liga com o que você dizia sobre o fantasma e a delimitação. A função do pé.

O: O andar... Os pés... “Os pés não são burros”, diz Prévert. Pode-se dizer, retomando Schotte e Szondi², que os pés são o *vetor C*, o vetor contato, antes mesmo que possa haver o objeto. O vetor contato com uma extraordinária riqueza. Ele diz que isso corresponde, em grego, à *basis*, é a base. A base é o andar. Ou como diz Dolto: “ir–e–vir”, “ir vindo”. É o vetor C. Se não há a base, não há nada, tudo está perdido.

S: É o tônus.

O: Antes mesmo do tônus. Se retomarmos a descrição de Szondi, feita por Jacques Schotte, teríamos a tríade, o vetor C, a “base”: os pés, o andar, o ir–e–vir. Ele coloca depois, junto, no vetor sexual e no vetor paroxístico, o “fundamento”. Não se senta sobre os seus pés, mas sobre o seu fundamento. Depois, o vetor SCH é a “origem”. Na realidade, é a diferença entre a base e o fundamento. A base é muitas vezes negligenciada na psiquiatria francesa e em outros lugares. Antes de serem educados pelos laboratórios, eles confundiam com frequência depressão e melancolia. E o fazem ainda hoje, com essa monstruosidade de “depressão neurótica” que não quer dizer nada. A depressão verdadeira é bastante complexa, mas muito mais simples que a melancolia. A depressão (o *fator d*) com toda a riqueza que isso representa e é a base. E isso dá para ver de cara, faz parte do diagnóstico, que é uma palavra nobre. Fazemos isso o tempo todo, não é um rótulo. O diagnóstico é a habilidade de localizar corretamente a base, o fundamento, a origem... Há uma correlação entre tudo isso... Se não houver o aberto, se ele é mal delimitado,

1 Philibert, N. *La moindre des choses* [Coisas mínimas]. Documentário. França. [105 m] 1996. Disponível na Cinemateca da Embaixada da França no Brasil.

2 Léopold Szondi foi um médico e pensador húngaro contemporâneo de Freud que elaborou um teste a partir de fotos de rostos de pessoas atingidas por diversas patologias psiquiátricas. Se suas pesquisas iniciais tratavam sobretudo da relação entre o psiquismo e a genética (ele elabora o conceito de inconsciente familiar), coube ao professor e psiquiatra belga Jacques Schotte (amigo próximo de Jean Oury) prolongar seu pensamento. Schotte inventou a “patoanálise”, introduzindo a psicanálise e a fenomenologia alemã na análise do “destino pulsional” através do teste de Szondi, desenvolvendo a dinâmica metapsicológica, chamada por Tosquelles de “a dança pulsional”. O pensamento de Szondi e de Schotte marcou a clínica de La Borde.

se não houver emergência, a base não funciona, não anda. Se dissermos isso, os tecnocratas nos mandam um professor de ginástica para fazer as pessoas andarem. “Então andem!” Até parece... É aí que entram as constelações...

S: Exatamente. Você falou sobre suscitar a conversação a propósito das constelações e eu pensei que isso vai inteiramente ao encontro do que você disse sobre o andar, o aberto, a delimitação.

O: Parece-me que as pessoas vivem sob um mito desenvolvido sei lá por quem... a economia produtiva: um mito da pessoa. Uma pessoa. É difícil dizer isso. Houve discussões, eu me lembro – pessoa, personagem, personalidade... Isso é Tosquelles. Quando ele fala de “pessoa”³ não a delimita. Ao mesmo tempo é uma velha tradição de Saint-Alban, com Bonnafé, o personagem do psiquiatra, o papel do personagem que não é a pessoa. A pessoa, em uma primeira aproximação, não se sustenta sozinha. É como se nós introduzíssemos um fechamento. É por essa razão que Tosquelles corrige isso frequentemente, quando diz, de um jeito banal, que a pessoa é a integração de uma quantidade de coisas. É um aberto. Sabe-se bem que o modo mais corriqueiro para definir alguém é “diga-me com quem andas e te direi quem és”. É Szondi ou a constelação, no fundo é a mesma coisa. Para poder conhecer alguém – sobretudo um esquizofrênico, que não se deve olhar de frente senão recebemos uns tapas – o melhor jeito é saber quais são as suas relações. Suas relações, eu digo quase sempre, parece um pouco pretensioso, mas poderia obedecer à lógica dos “subconjuntos vagos”. Parece-me ter lido dessa maneira o coeficiente *kappa*, o “coeficiente de pertencimento”, em um tipo de fractal. Por exemplo, em um grupo há pessoas que estão ali, mas, se olharmos de perto, um décimo delas está muito longe, pensando em quando será o fim, o que se vai fazer depois..., outras pessoas não estão ali de jeito nenhum. Outras estão – “oh!” – e estão 100%. O coeficiente *kappa* vai de um décimo a cem. Em contraposição, se alguém aponta: “você veio ao grupo”, “sim, eu vim”, “você ficou”, “duas horas”, “ok”, “como todo mundo”, é uma idiotice, pois não dá para julgar isso. Ora, a pessoa é todo um sistema de *kappa* 1, *kappa* 2, *kappa* 3. Estes pertencem a outras pessoas que nem sequer sabem.

S: Você acha que os psicóticos tem uma noção do coeficiente *kappa*?

O: Eu tenho certeza de que têm mais do que os outros até. Eles são bastante sensíveis. Cito sempre, já é uma estereotopia minha... Há alguns meses, Philippe – você sabe quem é – bastante psicótico, esquizofrênico... ele está um pouco melhor agora... Um dia, não faz muito tempo, na primavera, Ginette, que não estava mal, mas estava deprimida... em uma segunda, às seis horas, ela desapareceu, e todo mundo começou a procurá-la, todo mundo mesmo! Tanto os doentes como os outros... E não a encontrávamos. Deu sete, oito horas... Então, passo pelo piso principal do castelo no momento do jantar; não digo nada, só queria ver se ela estava lá. Aí, um sujeito que nunca diz nada se aproximou de mim e disse: “Não se preocupe, ela está no quarto dela.” Extraordinário. Nada mal, não é, a coisa de ter antenas?... Mas as antenas, quando as tocamos, devem doer. Não se deve tocá-las. Como eles têm

3 Quando Oury fala de *personne*, ele deixa transparecer uma sutileza da língua francesa: *une personne*, em francês, quer dizer “uma pessoa”, mas *personne* também significa “ninguém”.

antenas evitam os lugares onde se tocam nelas. Nunca vêm na reunião de acolhimento, nem nos grupos; não é possível quando se tem antenas assim...

Em compensação, são as antenas que fazem com que as constelações funcionem. Podemos reagrupar cinco, seis, dez pessoas em torno de cada um. Vê-se bem que, tocando os participantes, tocamos a pessoa. Mesmo se não chegamos a fazer uma constelação, basta fazer uma “reunião dossiê” sobre alguém, sem nada mais, para mudá-lo...

S: É essencial transmitir isso para a psiquiatria que está por vir, como você dizia ontem. Vamos ver, mas as constelações são essenciais.

O: Mas com a homogeneização as antenas são queimadas, tanto as dos esquizofrênicos como as dos outros. É por isso que releio Michel de Certeau, é surpreendente. Ele fala precisamente sobre isso tudo. A crítica... Bem antes que estas existam..., as avaliações, que horror, é um crime. A homogeneização queima tudo o que pode permitir as antenas, embora elas sejam necessárias para nos fazer sair um pouco...

S: Algo que poderia, perfeitamente, ser aplicado ao setor⁴, à política do setor, como se dizia. Cuidar das constelações, fazer com que antenas cresçam nos profissionais da saúde. É o que fazemos aqui, tentamos fazer com que antenas cresçam em nós.

O: Só que eu tenho pavor da palavra “profissional da saúde” [*soignant*]. É uma bobagem. É ser cúmplice do funcionário. Sabe-se bem que para conhecer alguém é preciso estar na sua paisagem, na sua paisagem concreta. É preciso falar com as pessoas que rodeiam esse alguém. E nessas horas, frequentemente, são os outros doentes, por assim dizer, que têm muito mais informações. Por exemplo, ultimamente aconteceu de Françoise, que está aqui desde 91, ter muitas alucinações... Eu não a conhecia... Só assim de vista... É um caso complicado. Ela é uma das vítimas de Bourguiba, judeus tunisianos que foram expulsos nos anos 50. Conheço outros, aliás. Pois bem, foi sua vizinha de quarto, Françoise também, completamente esquizofrênica, quem me disse: “Você não sabe, ela chegou aqui em 1991, ela tem uma filha de 27 anos, ela esteve em Túnis, seu pai morreu nesse ano...”. Fantástico. Um dossiê completo. Porque elas conversavam e nós não sabíamos. Este é um material precioso que é completamente esmagado pelas estruturas atuais.

Pode-se imaginar: “Como? Você confia no que conta uma louca a respeito de alguma coisa? O que isso quer dizer? E onde fica o segredo? etc.” Todas essas histórias desde o 9-Termidor⁵.

É difícil a “constelação-constelações”! É preciso tomar cuidado, pois se dissermos: “Ah, é preciso fazer constelações”, aí todo mundo começa a fazer,

4 A política de psiquiatria de setor faz alusão à política psiquiátrica instaurada na França a partir dos anos 1960, que tentava aproximar o usuário da cidade através de novas estruturas de cuidado extra-hospitalar, evitando que o paciente vivesse cronicamente entre os muros do hospital. A setorização dos cuidados psiquiátricos consiste em propor cuidados na área geográfica próxima do domicílio do paciente. Um setor compreendia uma zona geográfica de setenta mil habitantes. Assim, o endereço da pessoa a associaria ao setor no qual ela receberia os cuidados, segundo as modalidades do serviço público. Alguns médicos “desalienistas”, tais como Lucien Bonnafé, exerceram um papel importante nesse processo de ruptura com a estrutura asilar.

5 O 9-Termidor é equivalente ao dia 27 de julho, décimo primeiro mês do calendário da França revolucionária. Nesse dia, em 1794, a Convenção decreta a prisão de Robespierre.

mas isso seria o pior. Se deixarmos, haverá constelações que se formarão assim: todos os jovens juntos, todos os toxicômanos juntos, todos os velhos juntos, todos os beltranos...

S: Ah, não, isso não são constelações!

O: Horrível! Por isso é preciso tomar cuidado. Pode-se acabar dizendo: “Somos parecidos, vamos juntar-nos”..., “Oh! a mesma faixa etária”... De novo Tosquelles e a heterogeneidade. Concretamente, uma constelação pede todo um processo, não é natural. Não há nada de natural. O natural leva a isso: à guerra dos sexos, à guerra dos toxicômanos, à guerra dos velhos..., isso é natural, podem dizer. É, portanto, uma construção... Cito sempre um caso-chave de constelação, o de um paciente que estava num estado mais que limite, esquizofrênico, perverso, não dava para saber direito, já faz bastante tempo... A partir da reflexão de Racamier sobre Stanton e Schwartz, pensamos: “Vamos reunir as pessoas, conversar... as pessoas daqui, tanto os médicos quanto os enfermeiros, os monitores, as faxineiras, os cozinheiros, todo mundo..., perguntando se achavam que o tipo em questão era simpático”... Questões meio simplórias, Kurt Lewinianias, “simpatia-antipatia”. “Quem aqui gostaria de passar quinze dias de férias com ele?” O sujeito fedia. E foi aí que Fernande, uma faxineira que tinha acabado de começar a trabalhar, disse: “Sim, por que não?” Outros disseram que era impossível, era nojento... Durante duas ou três horas ficamos conversando assim... Já no dia seguinte, ele estava mudado. Estava bem. Era uma figura curiosa, ele colocava queijo embaixo do braço, nunca queria tomar banho, ficava bêbado, desmontava motores...

S: Ele desmontava motores?

O: Sim, motores de carros 2CV [Citroën, populares]. Ele desparafusava coisas. Era meio obsceno.

S: Bom, ele não ficava catatônico todos os dias!

O: Terrível! Era uma pessoa que já tinha passado por vários hospitais. No dia seguinte... Tosquelles me disse: “Você vai mexer na contratransferência institucional”... Eu não entendi o que ele queria dizer. Contratransferência, por que não? Mais tarde eu disse: “Mover as articulações das palavras, os prosdiorismos”. O que se passa na passagem de uma palavra para outra, o tom, entre as linhas... Quando as pessoas cruzaram pela manhã com o tipo em questão, ele já tinha outro ar, um cílio que mexia ou sei lá o quê. E é isso que conta. Como eu dizia, importa é o que não se vê. Coisinhas pequenas. Mexemos com elas. Mas para fazê-lo é necessário um questionamento total da instituição.

Imagine: “Façam constelações!” E o médico-chefe reúne os enfermeiros: “Hoje faremos uma constelação, falaremos de tal pessoa”. Alguém pensa: “Se eu disser alguma besteira, vou perder um ponto”... “Sim senhor...” Ah! Uma constelação não funciona assim! Ela necessita de um questionamento permanente e inacabado da hierarquia, das relações de superego. Vemos bem as dificuldades para se ousar falar. As pessoas não falam. Tudo bem, talvez eu não as deixe falar muito, mas mesmo assim!

S: Para que Fernande tenha dito isso – o que não é tão óbvio assim – havia uma espécie de desejo inconsciente, que ela desconhecia e que a impulsionou para dizer isso. O fato de haver um acolhimento particular fazia com que se pudesse dizer qualquer coisa nesse grupo...

O: Sim, e não por piedade, mas por simpatia.

S: Para que ela, chegando para trabalhar muito jovem em um lugar assim, sem conhecer ninguém, possa dizer “sim, eu sairia sem problema, por uns quinze dias, com esse paciente”, era preciso haver uma liberdade de pensar, de falar, era preciso que a hierarquia já fosse bem trabalhada. Essas condições para o surgimento do desejo inconsciente – talvez ela tenha falado antes mesmo de saber o que estava dizendo – são o longo trabalho institucional do qual você fala. Uma longa “laboragem”.

O: O desejo inconsciente... algo assim... que pode apesar de tudo se manifestar, contanto que se possa falar. Simplesmente.

S: Uma leveza na possibilidade da fala que não obriga a nada.

O: Não compromete em nada.

S: Depois, bom, no fim das contas ela se compromete bastante.

O: Acima de tudo que ela possa dizer e que faça parte de um grupo. Lembro-me de que há uns vinte anos atrás, com um educador que trabalha em um grande hospital, houve aqui em La Borde uma aproximação com o pessoal da manutenção, os trabalhadores desse hospital, que vieram passar um ou dois dias, no final de março, não lembro mais em qual ocasião. Eles me escreveram no outono dizendo que gostariam de vir em grupo para falar um pouco. O verdadeiro problema era que eles, o pessoal da manutenção, os operários, os que consertam coisas, e que no fundo o fazem quase sempre com os doentes, não têm nenhuma noção e, embora coisas complicadas lhes aconteçam, não têm o direito de participar das reuniões dos enfermeiros, porque não está previsto no estatuto deles. Valeria a pena falar a respeito, sobretudo porque naquela época houve uma mudança de diretor, de médico. O hospital tinha até tido boas intenções, que mal duraram dois meses antes que virasse um horror. Houve até um caderno de queixas feito pelos próprios doentes e endereçado ao novo médico-chefe, que recém tinha chegado no mês de agosto. Nesse caderno, eles diziam: “Gostaríamos de batatas que fossem batatas de verdade, gostaríamos de trocar os lençóis mais de uma vez por mês, gostaríamos que os banheiros fossem fechados”... Era isso o caderno de queixas. O médico-chefe, bem idealista, afirmou: “Vou levar isso em conta”. Foi aí que os operários da manutenção, dada a atmosfera, disseram: “Seria bom se conversássemos, pois nós temos contato com os doentes mas não conhecemos nada, absolutamente nada deles”. Não tomei as devidas precauções e fui até lá com um amigo, mas, chegando diante das portas do hospital, fomos impedidos de entrar. Isso porque, como não gosto de escrever, não tinha solicitado ao médico-chefe a permissão. Então, a gente se instalou em um galpão e lá ficamos a tarde inteira falando com os operários sobre os doentes, da fenomenologia concreta. Em novembro, os cadernos de queixa já tinham sido jogados no lixo. Pode-se dizer que agora é a mesma coisa, ou até pior. Não há grupos possíveis se eles

são cada vez mais compartimentados, isolados. E mesmo aqui vemos isso aparecer: “Você não sabe nada, nem um diploma você tem”.

Ou ainda as histórias terríveis contadas por Delion sobre fazer *packs*⁶ com crianças autistas em Allonnes, onde existem constelações: pode-se escolher, existe uma afinidade entre um agente de limpeza e higiene hospitalar (ASH), um médico etc. Tinha começado bem, mas, em quinze dias, veio um procedimento sindical dos enfermeiros declarando: “É escandaloso vocês colocaram uma agente de limpeza nisso, ela não é diplomada”. Eles se queixaram para o diretor. É interessante. Em um clima assim as constelações não são verdadeiras, é uma hipocrisia..., a coisa é quebrada de cara. Em uma constelação não se escolhem os diplomas, não se escolhe entre um professor titular ou um jardineiro. Nas constelações é possível ter gatos ou cachorros, porque não, e ainda há os espaços, os lugares.

S: Quase sempre, quando você fala de constelação fala sobretudo de pessoas, mas eu tenho a impressão que, veiculado pelas pessoas – na extremidade das pessoas existem as antenas –, há lugares, minerais, árvores, o espaço...

O: São essas coisas que contam. Em uma constelação há tipos assim, que estão sempre em um canto, sentados em uma janela. Tudo isso deve aparecer, mas para tanto não se deve ser chateado pela hierarquia, como se diz. Nada fácil.

Os *packs* funcionam bem, mas pedem muita precaução, tempo. Funcionam ainda melhor quando existe uma equipe de *packs*.

S: E quando há reuniões.

O: Sim. Fizemos *pack* com um paciente porque chegamos no limite. Ninguém mais aqui o aguentava. Todas as manhãs ele rodeava os quartos, queria coisas. Além disso, ele grita. É uma figura que esteve nas celas, nos hospitais. Mas todo mundo, mesmo os doentes, diziam não aguentar mais o sujeito... Verdade..., mas ele é gentil, faz umas trocas, rouba. Entra no meu consultório, abre coisas. Trocamos cigarros... Mas a coisa se tornou assustadora. Ele mostrava o pinto, era muito chato.

Com todo mundo e com a família dele, que é ótima, a gente se organizou para que ele viesse oito dias e fosse embora logo depois. Aí, veio a ideia de fazer sessões de *pack* com ele. Ah! Ele ficou todo contente. Disse à mãe, ao ir embora com ela por quinze dias: “Você vai me fazer *packs* agora, vai ficar perto de mim.” Mas não, o *pack* é algo mais sutil do que isso (risos)! Pode-se dizer que os *packs* são uma forma peculiar de constelação: quem, com quem?

Há duas pessoas que fazem o *pack*, uma que toma nota... Para que ele funcione é preciso que elas falem a respeito em outro lugar também, senão a coisa desanda.

S: Lembro-me de ter feito bastante com a Teresa. Era sempre no quarto mais

6 O *Pack* ou *Packing* é uma técnica de envelopamento do corpo. Cada membro é envolvido por toalhas úmidas e o corpo é integralmente embrulhado com um lençol úmido. Em seguida, coloca-se um ou dois cobertores secos e utiliza-se o tempo de reaquecimento para favorecer o trabalho psicoterápico. O *pack*, indicado em certas psicoses graves e autismo, visa proporcionar a sensação de delimitação, de re-união e reconhecimento dos limites do corpo. É um método de tratamento praticado atualmente em La Borde, em certos casos. Ao longo do ano de 2011 e no início de 2012, a França enfrentou todo um questionamento jurídico e duras críticas por parte das famílias de autistas a respeito dessa prática, associada sobretudo ao trabalho do médico psiquiatra Pierre Delion, amigo de Jean Oury, em Lille. A esse respeito conferir o texto de Pierre Delion disponível em: <<http://www.cmea.asso.fr/spip.php?article2942>>

bonito do castelo, com uma vista para o parque, toda uma atmosfera, sabe. Havia grupos de *pack*, uma reunião com aqueles que faziam com outras pessoas. Eu achava que tinha um ritual, era sempre na mesma hora, após o café da manhã, um tipo de espaço-tempo completamente privilegiado.

O: Para isso é preciso tempo, é preciso um número suficiente de pessoas. Não dá pra ter muitos dos que só fazem 35 horas por semana! Sem brincadeira, é preciso estar disponível. A coisa precisa ser heterogênea. Por exemplo, houve um momento em que a gente dizia que os cozinheiros, um dia por semana, não precisariam ficar na cozinha.

S: Eu me lembro disso.

O: Há um dentre eles que faz *packs*. O que é muito importante. Sem, para tanto, fazer uma massa folheada, mas enfim... (risos). Não é a mesma coisa, um *pack*! Tem um outro que continua a ir ao cinema nas quintas à noite com um grupo. Outro participava do jardim, um dia sem cozinha... O que é muito importante para misturar... heterogeneidade... Ele faz parte de um grupo. Para poder fazer isso, aí vem de novo a questão da hierarquia, dos estatutos: quem é aquele que cuida e quem é aquele que recebe os cuidados? O que é um absurdo, uma idiotice...

S: Na minha lembrança é extremamente importante que cada um de nós “tenha o direito” de pedir uma constelação, uma reunião, qualquer que seja o pretexto. É uma lei de La Borde, que parece pouca coisa, mas que libera na cabeça um espaço. É muito importante. Uma grande liberdade.

O: Com certeza. O grupo X está em relação com a “grade” [*grille*]⁷, com a organização do tempo de trabalho. Que trabalhadora fazer um organograma do “emprego do tempo”. Em um dado momento foi até perigoso ser um “gradeador” [um *grilleur*], como dizemos. Havia uns tipos explosivos, bem nervosos, que diziam: “Se você não me der folga tal dia ou se você me colocar em tal lugar...” Houve alguém que teve a cara quebrada fisicamente por um “gradeado” [*grillé*]! Não é agradável ser “gradeador”. Para que a *grade* funcione bem, propus uma outra reunião, que chamei de maneira pretensiosa de o “terceiro regulador”, a partir de Sartre e da *Crítica da razão dialética*. Era para repensar a *grade*, mas ela foi invadida por conversadores. Quando há alguém que realmente não vem trabalhar, que não faz nada, que é uma dor de cabeça, que finge, ou você o coloca para fora, digamos, tradicionalmente falando, ou então você faz um grupo X. No grupo X é a pessoa mesma quem escolhe três ou quatro outras, que estejam dispostas a aceitar ser escolhidas, para em seguida se encontrarem como ela quiser, uma, duas, três vezes: “Por que você não vem trabalhar? Por que você é bobo? Por que você finge?... Se acalme.... Por que você enche a cara?... Por que?”... E então eles conversam... Não é necessariamente eficaz de imediato.

S: Eles não falam obrigatoriamente da coisa pela qual eles se reuniram. Eles se falam.

O: E nessa hora, uma abertura se faz, é um “enxerto de aberto”. Quando a pessoa

7 A *grille* (grade) é uma instância institucional em La Borde que permite que o tempo de trabalho e a inserção do pessoal sejam organizados e negociados coletivamente. Ela é um instrumento de análise institucional que agencia as afetações individuais e o desejo em relação às tarefas gerais a cumprir. Para evitar a existência de um chefe de recursos humanos, que ditaria o horário e a função de cada membro do pessoal, a *grille* é formada por uma pequena equipe de quatro ou cinco profissionais da clínica que se revezam entre várias atividades. Para saber mais sobre a *grille*, consultar o texto de Félix Guattari disponível em: <www.revue-chimeres.fr/drupal_chimeres/files/34chi01.pdf>

se fecha na sua própria idiotice, entra o *enxerto de aberto*. E isso não é a *grade* que pode resolver, senão parece coisa administrativa. É isso um grupo X, quase uma constelação às avessas. Pode-se dizer que é a pessoa quem a designa.

S: Havia outra constelação às avessas da qual você falou, mas que eu mesma não cheguei a conhecer, a história dos anjos da guarda. Isso me interessou muito, pois parece bastante paradoxal em relação ao aberto.

O: É fantástico! Os “anjos da guarda” foi algo que nasceu há um ano e meio... Havia um outro tipo, ainda bem pior do que aquele de quem falei há pouco. Alguém bastante inteligente, mas psicopata–perverso e que tinha histiocitose – uma doença em que as células monstruosas de Langerhans⁸ invadiram seus ossos produzindo tumores vazios juntamente com um estrabismo, que foi operado, e uma diabete insípida que o impelia a beber. Além de uma mãe que o superprotegia, era o pequeno Jesus. Aos quatorze anos era completamente perverso, poli–toxicômano. Ele bebia o tempo todo, qualquer coisa, até mesmo a água dos vasos de flores. Tudo o que tinha. Um horror. Ele foi hospitalizado várias vezes. Bom, aí um dia ele chega aqui. Havia sido hospitalizado à força, pois era de uma violência espantosa. O médico–chefe de Clermont Ferrand foi quem o enviou: “Acima de tudo, que ele nunca mais reveja sua mãe e seu pai”. Ele chegou aqui e dissemos que tentaríamos por quinze dias. Acabou durando um ano e meio. Todo mundo aqui, obviamente, dizia: “É preciso mandá–lo embora, ele é horrível”. De fato ele só aprontava, enchia a cara... Ia até os vizinhos para assustar as mulheres às onze da noite. Voltava acompanhado por policiais, era bem malandro. A coisa tomou tamanha proporção que de noite a gente se perguntava onde ele estava... Finalmente ele disse: “Eu preciso de alguém ao meu lado o tempo inteiro”. Bom, foi aí que fizemos não uma constelação, mas uma corrida de revezamento para estar com ele durante 24 horas. Ele dizia: “24 horas sobre 24, mesmo à noite”. Foi aí que um grupo de doentes e funcionários se engajou. Ele chegou até a dirigir as manobras: “Coloquem–me em tal quarto, fechem a porta, fechem a janela. E que tenha alguém aqui”. Isso durou oito dias. Foi milagroso. Dez dias depois ele partiu em férias, durante três semanas, para a casa dos pais, e já faz um ano e meio que tem dado certo. Ele me escreveu dizendo: “Os anjos da guarda funcionaram, eu até passei num concurso de eletrônica, faço pequenos filmes, uma exposição”... Ultimamente, achei que a coisa ia voltar a desandar, ele me telefonou dizendo: “aohhh”, eu mesmo disse “oooh” (risos). Ele não voltou. Foi extraordinário! Desde o mês de junho do outro ano. A técnica dos anjos da guarda é uma outra variação. Colocam–se, em torno da pessoa, anjos da guarda que salvam. Ele precisava disso, de um anaclitus⁹, nem sei como dizer, frenético...

S: A gente vê bem o limite.

8 Conhecida como Histiocitose de Células de Langerhans (HCL) é uma doença espectral, que se manifesta sob uma variedade de formas clínicas, envolvendo todos os tipos de macrófagos e demais células dendríticas, características do sistema imunológico, que se acumulam e se infiltram nos tecidos atacando–os.

9 Conforme definição de Schotte, anaclitus designa o “espaço transicional que se abre a partir do contra–investimento do espaço materno vivido como envelope matricial, no geral, correlativo ao desejo de escapar do domínio materno e do mundo da mãe... a satisfação que decorre desse contra–investimento é chamada tipicamente anaclítica”.

O: No limite.

S: O aberto por outro lado é enganoso. Afinal, ele ainda continua sob controle, mas isso lhe deu limites.

O: Mas nada impede que agora ele não esteja mais sob o controle de nada. Ele até parou de tomar a maioria dos medicamentos.

S: É importante compreender que existem passagens como essa que é preciso transpor vigorosamente.

O: Os anjos da guarda são muito importantes. Vê-se bem a constelação a partir daí: vemos os *packs*, o grupo X, os anjos da guarda e podem-se imaginar ainda várias outras coisas. Ao redor do aberto, dos limites. Trabalhamos o nível dos *phantasmas*, se podemos, realmente, atribuir uma palavra. Ver as pessoas e falar nutre o *phantasma* e libera o desejo lá onde se encontra bloqueado. Mas para isso é preciso estar tranquilo. Não é pelas avaliações, que horror! Discuti recentemente com os enfermeiros de Ajaccio e de Marselha, é terrível. Obrigação de jaleco branco e obrigação de ter um crachá com seu nome. Porque – você entende – nos é dito que se não os tivéssemos os doentes ficariam confusos. É horrível. Sem falar da cumplicidade do médico ou dos poderes da enfermagem. As pessoas estão lá de pijama, em celas, tem até cachorros...

S: O quê?

O: Isso mesmo. Eles contrataram inclusive cães policiais. O alarme pode ser disparado. Os doentes estão com medo. Em princípio era para evitar que as pessoas fugissem. Mas eles têm uma função interna. Os enfermeiros não comem com os psicólogos, que não comem com os médicos, não se deve misturar. E não estou exagerando. Agora é assim em todo lugar. Em um meio desses, o que quer dizer uma constelação? Poderia-se dizer: “Vista-se, coloque os sapatos, tire esse pijama.”

S: Talvez exista ainda um pouco de potencial terapêutico entre os doentes?

O: Não mais. Não existem atividades. Um coisinha talvez, desenho... É terrível. (*Me dê cinco minutos, tenho que dar uma injeção e já volto.*)

S: Parece-me que há algo que apareceu no céu das constelações, é a reunião *Peachum*.

O: Esse recém-nascido já é bem antigo. Tem uma história e tanto. Cinco ou seis anos atrás havia o desejo persistente de criar um pequeno grupo para falar sobre o que fazemos, onde andávamos. Tem um pouco de história. Estranhamente, eles o chamaram de “reunião dos novos contratados” (risos). Rapidamente perguntaríamos: até quando um novato é novato? Não se sabe, é besteira. Com Marie-Ange, que já faleceu, eu tinha começado um pequeno grupo: “Eis La Borde etc., a história do Loir-et-Cher, da psicoterapia institucional, etc...” Ao mesmo tempo era interessante porque a gente tinha um bom material, havia uma gravação, uma fita cassete de discussões entre Félix e Beauvais.

Beauvais era um velho que morreu e que tinha assistido, antes dos anos 1960, ao começo da marcenaria daqui, era engraçado. Foi muito bom. Após quatro semanas não havia mais reunião. Então, dissemos que era preciso abrir um pouco. Vieram somente estagiários que permaneceram um mês. Eu disse que não era possível, não íamos recomeçar a cada vez. Faremos um CD! (risos). A coisa se esgotou, enchi o saco; aí dissemos que ela seria aberta a todo mundo, aos doentes,

aos moradores (*pensionnaires*), como se diz aqui. A reunião foi retomada e mudou de lugar. Primeiro era na *rotonde* (rotatória), depois fomos para a *serre* (estufa). Mas unicamente com os moradores; dos funcionários vinha apenas quem queria, eu não ligava. Naquele momento, eu a chamava, em *off*, de “Peachum”. É da *Ópera dos Três Vinténs*. Em todo caso, Peachum está no filme da *Ópera dos Três Vinténs*, um tipo que nos subterrâneos de Londres organiza todos os mendigos para vesti-los, torná-los cegos e coletar dinheiro. Eu disse em *off*, “Peachum”, mas souberam. Enfim, depois a coisa começou a ficar meio apagada, eu não fiz nada e essa reunião me encheu o saco. Porque mesmo na Peachum da época os moradores às vezes vinham, às vezes não, e continuou assim por muitos meses. Ultimamente, nos últimos três ou quatro meses – por aqui vira e mexe as coisas desabam, o que não é engraçado – houve uma degenerescência completa, em particular do *rez-de-chaussée* (térreo)¹⁰. Já faz 25 anos que falamos do *rez-de-chaussée*. Eu anuncio que vou reunir os doentes e aí vem quem quer. Então, no lugar de dez, comparecem quarenta. Era fantástico. Cada oito dias, até duas vezes por semana. Eu ainda digo Peachum, embora atualmente falemos mais de renovar o *rez-de-chaussée*, da distribuição de tarefas, de como inventar coisas..., e tem um grupo, com uma moça ótima, que lança o jornal *Les nouvelles labordiennes*, que é notável, todo mundo escreve nele. E está ligado a isso também: se não há ao mesmo tempo a imprensa, vamos de novo separar o *rez-de-chaussée* do resto. O fato de que os vagabundos tomem o poder sempre cria conflitos de todo tipo. No começo, a equipe do *rez-de-chaussée*, onde ocorre a reunião, nem sempre vinha. No entanto, era importante organizar um grupo de três pacientes, de manhã e de tarde, no piso central, para acolher as pessoas do hospital-dia, para animá-las e conduzi-las aos ateliês... Seria preciso fazer uma lista enorme, que demandaria bastante tempo, a coisa está em processo, acontece aos poucos... Há um monitor, frequentemente ativo demais, que quis organizá-la e acabou virando o bode expiatório. Isso disparou todo um sistema de conflito. Foi preciso que eu encontrasse sozinho o pequeno grupo de monitores do *rez-de-chaussée*, sem o bode expiatório..., depois disso a coisa se harmonizou e está se ajeitando. É bem difícil porque existe uma massa de pessoas bastante a-pragmáticas apesar de tudo, não dá para esquecer que temos uma população bastante sensível aqui. E mesmo esses... Há quinze dias eu disse: “Peachum funciona!” Aí chegou um tipo, o Jean-Claude, que nunca vai a lugar nenhum, ele nunca vai a uma reunião – é ele quem carrega os sacos de lixo a noite e disse: “Quando eu não carregar mais os sacos de lixo, vou matar alguém” – pois bem, ele me chama, bate no vidro da janela do meu consultório, ele não sabe ajustar muito bem a distância... Finalmente, ele veio para a Peachum todo bem vestido, sentou-se ao meu lado na mesa fazendo sinais como se estivesse de acordo. Bom, foi a primeira vez que isso aconteceu. Para mim foi um grande sucesso. S: Tem-se a impressão de que as pessoas vêm até aqui, no seu consultório, para falar com você do que acontece lá fora.

10 O *rez-de-chaussée* (literalmente piso térreo ou principal) é em La Borde o nome do espaço térreo do Castelo no qual se encontram a cozinha, as salas de jantar, a grande sala das reuniões. É principalmente um lugar de passagem, de encontros, de reuniões etc.

O: É verdade, tem um pouco disso. Ao mesmo tempo é bastante importante que se mantenha uma relação constante com a imprensa local, o jornal semanal, a *folha do dia*, um monte de coisas assim. É banal, mas é difícil dar conta disso tudo.

S: Talvez tenha, antes de tudo, o que chamamos de “a função do clube”, reunir as pessoas...

O: Refazer o clube, o tempo todo. Por exemplo, o bar. Eu tinha feito um seminário inteiro em Sainte-Anne, em outubro de 1995, sobre o bar. Eu dizia: “O bar é no *rez-de-chaussée*”, pois eles achavam que o bar era o bar...

Agora, existe uma regra que chamamos de “regra dos três”: se não há três pessoas para fazer o bar, ele é fechado. Alguém que conta o dinheiro, alguém que fica no balcão e, além disso, há as mesas... para mudar..., ao mesmo tempo tem o *ponto de leitura*..., isso graças à Peachum. São coisas bem pé no chão. E engloba simultaneamente toda a questão do hospital-dia e a sua relação com o BCM, o escritório de coordenação médica. Faz anos que digo que o *rez-de-chaussée* deve ser o lugar de acolhimento no qual as pessoas do hospital-dia devem se apresentar, vir dizer, quando chegam, que elas estão lá. Mas por enquanto não há ainda nada disso, eles vão encher o saco do BCM, pedir o carro etc. São elementos concretos, mas só existem se há uma inscrição, é a mesma coisa para a central telefônica, ou a *chauffe*¹¹ etc. É pela inscrição que se pode ter um começo de análise concreta. Se não há inscrição, não há análise. O *rez-de-chaussée* é um lugar de inscrição, é nele que há o maior número de passagens. A *salle des collones* (sala das colunas) devia ser uma plataforma face ao exterior, face ao BCM, aos ateliês e aos jornais. Na quarta-feira eu faço a reunião Peachum das 11h00 ao meio dia, isso movimenta as coisas, pois ao mesmo tempo, no *petit salon* (pequeno salão), há o que se chama de “loja”, que atrai bastante gente, duas vezes por semana. Simultaneamente ainda há o *tabaco* das 10h30 ao meio dia. Peachum tem concorrentes! Eles dizem: “Fechamos o tabaco entre as 11h00 e meio dia”, então ao meio dia todos vão sair correndo... Assim, durante a Peachum ouvimos a loja e, felizmente, não estaremos isolados. Faz parte da análise concreta e surte efeitos.

S: O paradoxal é que quando você fala de lugar de inscrição, você situa o *rez-de-chaussée* como lugar de acolhimento, o que remete à distinção que você faz entre acolhimento e admissão. No acolhimento é que as coisas são inscritas, enquanto que a admissão, as inscrições administrativas, não são elas que inscrevem...

O: Elas escrevem. A inscrição – seria bom ouvir Michel Balat falando a respeito – é a *função escriba*. A triadicidade, a lógica triádica de Peirce, com o *musément* [devaneio] contínuo; mesmo quando se dorme se pensa, isso pensa sozinho, não há descontinuidade...

A *função escriba* permite saber que “se devaneia” [*ça muse*]. O escriba nunca sabe o que ele inscreve. Se ele sabe o que ele inscreve não é mais inscrever. Em

11 Em La Borde, chama-se *chauffe* o ateliê responsável por assegurar o transporte entre a clínica e a cidade de Blois, e também ao próprio traslado. Um pequeno grupo de moradores motoristas organizam suas “grades” (*grille*) para assegurar as seis *chauffes* regulares (às vezes existem algumas *chauffes* excepcionais) que fazem a lotação. Ela permite que os pacientes do hospital-dia, assim como os estagiários e familiares, cheguem e partam de La Borde. O bar, o ponto de leitura, a reunião Peachum, a central telefônica, a loja, são exemplos de vários ateliês que compõem a vida cotidiana da clínica.

compensação, se não há escriba, não há “devaneio” [*musement*], nem nada. É pela descontinuidade que se pode ter “acesso a”. A escrita só vem quando já há a inscrição. Isso pode se autonomizar. Para uma análise geral, é o que se chama “o interpretante”, uma função que vai intervir sobre o que acontece entre o escriba e o “devaneador” [*museur*]. Em geral, em um estabelecimento onde não existem todas essas articulações, a função *escriba* desmorona. Não há muita coisa que se inscreva. É sempre estereotipado, fora da inscrição. Quando não há inscrição, não há nada. Ou seja, o que acontece? Mesmo se há uma multiplicidade de atividades, às vezes nada acontece porque não há nada que se inscreva. Mas é preciso principalmente não haver um “inscritor” (risos). Existe esse lado de Torrubia que dizia: “É preciso um pequeno grupo analisador.” O que é uma degenerescência, é o centralismo burocrático. Pronto, se existe um pequeno grupo de analisadores, é o fim da picada! Vamos começar a ter *apparatchniks* [burocratas]!

Em compensação, que haja uma *função*! Uma função pode ser tudo que quisermos; até mesmo os pássaros, em dado momento. No instante em que eu falava um pássaro começou a cantar mais forte. Olha só! Talvez devamos colocar isso nos parâmetros, não sei. Enquanto que, se se tem analisadores diplomados, é mesmo o fim da picada! Lutamos contra isso o tempo todo, é isso o “prático–inerte” para entreter a dialética.

O conjunto dessas coisas é o suporte que permite estar atento, sem que seja de propósito. Sobretudo não se deve estar atento de propósito, é uma idiotice! A coisa tem que vir como ela vem..., e funciona! É o que chamo de *conivência*. Um japonês que veio uma vez me disse que aqui havia *ki*. Tellenbach fala disso em *La mélancolie*. Na melancolia, o *ki* cai. O *ki* é uma certa leveza. Quando eu falo com uma esquizofrênica que é notavelmente inteligente, autista, de origem alemã, no hospital–dia agora, e que tem todo um sistema de influência que a chateia, ela diz: “Quando eu venho pra La Borde, tudo bem”. Quando ela transpõe isso, é ainda melhor... Ela fala com dificuldade. Então eu posso lhe dizer: “aqui tem *ki*.” O que é o *ki*? Ah, ele deve corresponder um pouquinho – ainda que mais sutil – à *Stimmung*. No sentido de Heidegger. Ele sacou bem isso. No sentido geral de *atmosfera*. É a mesma palavra em alemão, *Geschmack*. Ela ficou toda contente. Agora, a gente se diz: “e então, tem *ki* aí”?

Transcrição, tradução do francês e notas de Joris De Bisschop e Clara Novaes a partir de CD de áudio (72m) realizado por Olivier Appril e Jean Dubuquoit.

*Jean Oury é psiquiatra, fundador e diretor da clínica de La Borde, na França. Implantou e teorizou amplamente a psicoterapia institucional. É autor de vários livros sobre a clínica e a instituição, entre eles *O Coletivo* e *Esquizofrenia e criação*, no prelo pela n–1 Edições.

*Danielle Sivadon é psiquiatra e psicanalista francesa. Trabalhou por anos na Clínica de La Borde com Jean Oury e Félix Guattari. Foi editora ativa da revista de esquizoanálise *Chimères*, e escreveu, junto com Jean–Claude Polack, *A íntima utopia*, que será publicado pela n–1 Edições.

*Olivier Appril é jornalista, autor de documentários radiofônicos e de poesia experimental, e psicanalista. É diretor do filme *Jean Oury, le séminaire de La Borde*, e autor entre outros de *La position du psychiatre* (no prelo).

